

# EM MOMENTO PRÉ-OLIMPIADAS, NADA MELHOR QUE UM JOGO DE APRENDER

## APRESENTAÇÃO

A palavra “olimpíada” refere-se ao ‘Jogos da antiga Grécia; habitação das divindades gregas’, conforme o Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa (HECKLER, S. J.; BACK e MASSING.), significando que, além de se tratar de uma atividade lúdica, ocorria em local divino. Assim também o linguista considera seu campo de pesquisa – um local divino –, no qual o jogo de aprender é interessante para todos os jogadores, ou seja, pesquisadores.

Esta edição da *Revista de Letras Norte@mentos* apresenta várias “modalidades” deste tipo de jogo, ocorrido no Olimpo do entrelaçado arvoredo do ato de pesquisar e, tais como os anéis entrelaçados dos cinco continentes terrestres da bandeira olímpica, aqui constam anéis temáticos – ora ocorridos no Olimpo das salas de aulas; ora no Olimpo da tradução interlingual; ora no Olimpo do discurso dos quadrinhos, da mídia, do videoclipe e da autoria; ora no restrito Olimpo da estrutura das palavras – sempre integrados.

Juliana Reichert Assunção Tonelli e Ana Beatriz Maehashi Ferreira, em *The use of the “game rules” textual genre in the english teaching for children*, trabalham com o gênero textual *regras de jogo*, especificamente o jogo de tabuleiro, aplicando a metodologia da pesquisa-ação no ensino de inglês para crianças. As pesquisadoras se perguntaram o que as crianças poderiam ter aprendido com esta aplicação, além da língua inglesa (vocabulário, gramática e pronúncia) e das regras dos jogos; e observaram que, da mesma forma, elas aprenderam habilidades essenciais para viver em sociedade, tais como limites, resolução de estratégias, cooperação e competição.

Raulino Batista Figueiredo Neto e Marilene de Souza Maia, em *On becoming entangled: the formative experience in a Letters course through the translation practice*, ao observarem estudantes de Letras no Laboratório de Língua de uma universidade na Bahia, refletem sobre o papel da tradução como um recurso importante na experiência de formação no Curso de Letras. Entre tantas constatações, sugerem que a tradução seja um estágio privilegiado em aprendizagem e ensino de língua estrangeira

por permitir apreciação de dupla culturalidade, em operação complexa de colisão e convergência.

Fernando Moreno da Silva e Samantha Isabela Pinto, em *O estilo dos jornais paranaenses: uma abordagem semiótica*, analisam como dois principais jornais paranaenses constroem seus textos com base na imagem dos respectivos leitores. Com apoio da Semiótica Francesa, os pesquisadores comprovaram que de um lado há um leitor simples e não crítico e, de outro, um leitor refinado e crítico.

Silvane Aparecida de Freitas, em *A prática de análise linguística: atividade de releitura e reescritura*, tendo em mente observar a concepção de linguagem que permeia os livros didáticos, analisou a ocorrência da prática de análise linguística para o ensino da língua materna proposta nos exercícios. A estudiosa verificou que há uma constância de aproximação das práticas de escrita na sala de aula às autênticas, de forma a torná-las significativas e possibilitadoras de reflexão epilinguística.

José Marcelo Freitas de Luna e Rodrigo Schaefer, em *Ensino do espanhol pela perspectiva da atividade tradutória*, discutem sobre tradução literal e tradução livre interlingual. Ao traduzirem para o português a tradicional canção mexicana La Bruja, interpretada pela atriz mexicana Salma Hayek, aplicando a tradução literal, por vezes sentiram necessidade de apresentar explicações em notas de rodapé. Os autores chamam atenção para a distinção de contextos culturais e linguísticos entre a língua de partida e a de chegada, esclarecendo que até mesmo a tradução intralingual é imperfeita e limitada, embora ambas sejam possíveis.

Marcia Weber e Leandra Ines Seganfredo Santos, em *Textos multimodais em sala de aula de Língua Portuguesa*, enfocaram a função social da linguagem em ambiente escolar e dedicaram-se à aplicação de leitura e produção de textos multimodais com suporte das tecnologias digitais. Propuseram-se a aplicar, em forma de trabalho colaborativo, uma sequência didática com o gênero textual infográfico a alunos da 3ª fase do 3º ciclo de uma escola estadual e perceberam ter havido envolvimento e cooperação, o que motiva a investigação sobre práticas de multiletramento.

José Enildo Elias Bezerra e Maria Teresa Gonçalves Pereira, em *Leitura e escrita: um instrumento de aprendizagem ao Sul do Estado do Amapá*, organizaram oficinas de atividades no campo do ensino da Leitura, Produção Textual e Reescrita, envolvendo alunos do curso Médio-técnico no Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Amapá – (IFAP / *Campus Laranjal do Jari*). As propostas, baseadas em temáticas e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, estimulavam os aprendizes a identificar o papel social da escrita, atentando-se ao destinatário e ao contexto da situação comunicativa. Foi observado que os alunos passaram a ver a escrita não restrita ao espaço escolar, sendo construídos novos paradigmas de aprendizagem em todas as disciplinas, além do desenvolvimento de competências básicas necessárias para o exercício da cidadania e de atividades profissionais em geral.

Dalexon Sérgio da Silva e Nadia Pereira da Silva G. de Azevedo, em *A heterogeneidade e as Formações Discursivas nas tirinhas da Turma da Mônica*, investigam a heterogeneidade e as formações discursivas nas tirinhas da *Turma da Mônica*. Sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa, a análise da presença da heterogeneidade e da formação discursiva e ideológica de três tirinhas de Maurício de Souza mostra o processo de produção de sentidos que o leitor é favorecido a realizar.

Nilsa Areán-García, em *Datações de palavras formadas com o sufixo -ística*, trata da história e frequência do sufixo -ística, do século XVIII a XX, comparando-se o português a cinco línguas – castelhano, italiano, francês, inglês e alemão. O *corpus* foi coletado de listas retiradas em Houaiss & Villar (2001), Corpus do Português, Lacio-Web e Tycho Brahe e a metodologia utilizou dicionários especializados e o Google Books. A análise quantitativa e qualitativa concluiu que não somente as línguas francesa e inglesa são responsáveis pela criação e disseminação do sufixo pesquisado nas línguas ocidentais, conforme mostra a literatura, mas também a alemã e a italiana têm importante papel neste fazer.

João Carlos Cattelan, em *Os cliques contra a pirataria: crime contra quem e contra o quê*, objetivou analisar, com base na Análise do Discurso de linha francesa, quatro vídeos contra a pirataria, desses que costumam aparecer no início de filmes de uso doméstico (DVD). O estudo mostra que a ambientação, as formações discursivas e o uso de discurso de autoridade, constantes nos cliques, condicionam a visão de que pirataria é roubo e enreda o interlocutor a rejeitar esse desvio de comportamento.

Gisele Luz Cardoso, em *Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação aplicadas à educação no Brasil: o estado da arte*, dedicou-se a uma revisão de literatura de artigos publicados entre 2010 e 2014 que tratam de NTDICs aplicadas ao processo de ensino-aprendizagem, em nível de EM, nas diversas áreas. A

metodologia de busca consistiu em pesquisa a artigos do Portal CAPES de Periódicos e de artigos em revistas *on-line* na área de Educação e Ensino. A análise apontou haver mais artigos em Ciências Humanas e preponderância de temas sobre o papel da tecnologia em sala de aula e reflexão sobre a formação inicial e continuada de professores para uso de NTDICs.

Amanda O. Rechetnicou e Sostenes Lima, em *Interdiscursividade e intertextualidade na análise crítica do gênero reportagem*, analisam conexões interdiscursivas e intertextuais na constituição do gênero reportagem e refletem sobre potenciais efeitos na legitimação de discursos e vozes particulares, com apoio da Análise Crítica de Gêneros (ACG). Averiguaram que as representações construídas pela junção de diferentes discursos, assim como o intertexto de vozes, universalizam e autorizam posicionamentos particulares e ideológicos.

Luciana Maria Crestani e Rafaelly Andressa SchalleMBERger, em *Análise do “texto resposta” de Jader Marques ao colunista Fabrício Carpinejar à luz da Teoria dos Blocos Semânticos*, trabalham a análise textual tendo como *corpus* o “texto-resposta” de Jader Marques ao escritor Fabrício Carpinejar, sobre o assassinato do menino Bernardo, com base na Teoria dos Blocos Semânticos. As pesquisadoras desvelam um quadrado argumentativo em que constam quatro vozes polifônicas e posição enunciativa do locutor.

Juciane Cavalheiro e Anderson Guerreiro, em *Propriedade e colaboração autoral: de uma perspectiva histórica à era digital*, retomam historicamente o conceito de autoria e constatam que o conceito atual retorna ao período anterior à Idade Média, ou seja, não há tanta preocupação com a identidade do produtor de textos difundidos, além da prática de colaboração autoral e da oposição das licenças *Creative Commons* ao *Copywrith*.

Anderson Cristiano da Silva e Raimunda Francisca de Sousa, em *Concepções sobre os sinais de pontuação por alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais*, descrevem a heterogeneidade de visões sobre o tema pontuação presentes nas várias gramáticas normativas, fato que repercute no material didático e documentos oficiais. Com apoio da Análise Dialógica do Discurso, verificam que grande parte dos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental tem noção que a pontuação serve para dar sentido ao texto.

Rafael Andrade Moreira, em *Cenografia e ethos no livro de HQ Desterro: a construção da cena de sobrevivência numa comunidade*, estuda as cenas narrativas da obra *HQ Desterro* (Ferréz e DeMaio) e, com apoio da Análise do Discurso de linha francesa, observa três cenas e examinam minuciosamente a forma como a *cenografia* e o *ethos* estão legitimados.

Aparecido Derney, em *A leitura durante a hora-atividade como instrumento de formação contínua dos professores de Língua Portuguesa*, entrevistou professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino sobre o uso da hora-atividade. A pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, demonstrou que os docentes dedicam-se à leitura de livros (didáticos, dicionários, gramáticas e de literatura infanto-juvenil), revistas, jornais e sítios virtuais relacionados à educação, como busca de reflexão e transformação de práticas pedagógicas.

Em *Entrevista com Juliana Reichert Assunção Tonelli: conversas sobre ensino, pesquisa e formação de professores de Língua Inglesa para crianças*, o grupo de estudiosos - formado por Olandina Della Justina, Juliana Freitag Schweikart, Elivaldo da Silveira Rosa, Karen Gritti Sutil, Gustavo de Oliveira, Iandra Gabriela Zmijesvski, Tito Lima da Silva Neto, Carolina Lucas Maldaner, Josilene Pereira dos Santos, Cláudio André dos Santos Pilatti e Érica Laurentino Ferreira de Souza -, deleitosamente, conversou com a Profa. Dra. Juliana Tonelli. O bate-papo foi sobre metodologias lúdicas de ensino de inglês para crianças e respectiva formação de professores.

Genivaldo Rodrigues Sobrinho e Lenir Maria de Farias Rodrigues resenharam a obra *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*, de Roxane Rojo e Jacqueline P. Barbosa. Essas autoras mais uma vez dão grande contribuição à temática letramentos múltiplos ou multiletramentos, ao partirem da indagação sobre até que ponto a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e seu Círculo é suficiente para analisar a composição e o funcionamento dos textos multissemióticos ou multimodais trazidos pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Em posição crítico-reflexivo às contribuições bakhtinianas, as pesquisadoras satisfazem esta indagação acadêmica em quatro capítulos, enfatizando o conceito norteador da *apreciação valorativa que organiza os enunciados* e a não omissão da escola no trabalho com as práticas letradas que circulam em ambientes digitais. Vale lembrar que

toda a discussão teórica é permeada de exemplos e exercícios aplicáveis em sala de aula.

Rosana Rodrigues da Silva e Maria Gorette Côgo da Silva, em *Uma gramatiquinha, só que não*, resenham a obra *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido*, do renomado linguista Sírio Possenti. Nas duas partes desse passeio pelas questões gramaticais da linguagem, o filósofo linguista mostra que o fato de ser mal ensinada faz que a gramática seja tal mal vista nas aulas de Língua Portuguesa. E isso é feito de forma bem humorada, com títulos sugestivos e abundância de exemplos, ilustrando o trabalho como propõe no ensino – iniciando pela gramática internalizada, seguida da descritiva e, se necessário, a normativa –, sempre experimentando, questionando e testando.

Iá Niani Belo Maia, em *Oralidade em foco: a oralidade no contexto de ensino*, resenha a obra *Oralidade em foco: conceito, descrição e experiência de ensino*, organizada por Denise Lino de Araújo e Williany Miranda da Silva. Os três grandes blocos temáticos tematizam a evolução dos estudos e concepções de oralidade, a reflexão sobre os gêneros seminário e aula-debate e a discussão metodológica de planejamento dos gêneros debate e palestra e do tratamento dado à oralidade nos cursos de Letras. Enfim, além de apresentar experiências didáticas de gêneros orais, a obra situa o discurso da oralidade no Brasil.

Felipe Freitag, em *Teoria da Relevância: aproximações entre o princípio de relevância e a zona de desenvolvimento proximal*, resenha a parte “*La comunicación*”, “*La inferência*” y “*La relevância*” (pág. 11-212) da obra *La relevância. Comunicación y procesos cognitivos* de Dan Sperber e Deirdre Wilson, em diálogo com a obra *Conceptos y aplicaciones de la Teoría de la Relevancia*, de Salvador Pons Bordería. A Teoria da Relevância, apresentada aos estudos linguísticos na década de 80, traz inovação na compreensão da dimensão semântico-pragmática dos enunciados por sinalizar o papel do falante e do ouvinte em termos de intenção do falante e de recuperação do pensamento do falante pelo ouvinte. No processo de seleção das informações em função do grau de relevância e conservação do equilíbrio entre o esforço necessário para processar os estímulos e a quantidade de informação nova produzida, denomina-se tal equilíbrio de Princípio da Relevância. A obra de Bordería dialoga com a de Sperber e Wilson, à medida que afirma haver articulação entre o

Princípio da Relevância e a prática docente, pois na interação social e comunicativa em sala de aula, o professor é o guia do processo por mediar a significação dos resultados e das práticas metodológicas.

Prezado leitor, repassamos-lhe a tocha olímpica para que sua caminhada continue – a chama olímpica do ato de pesquisar nunca deve ser apagada.

Editoras Científicas: “Estudos Linguísticos”.

Dra. Marieta Prata de Lima Dias e

Dra. Neusa Inês Philippsen